

## A tragédia do passado que insiste em nos definir e atormentar



Por RAFAEL R. IORIS\*

*Estariam fadados a repetir as atrocidades do passado que queríamos superado quando organismos internacionais como a ONU e OMS foram criados?*

No momento em que o mundo ultrapassa o número de 13 milhões de casos de Covid-19, em um discurso emocionado, o presidente da Organização Mundial da Saúde, indagou, na semana passada, porque era tão difícil que entendêssemos que precisamos nos unir frente a um inimigo comum que estaria matando a todos. A indagação contundente do Dr. Tedros Ghebreyesus parece indicar que a pandemia em curso só adquiriu tal magnitude por não temos sido capazes de expressar o grau de solidariedade necessário para minimizar, talvez mesmo resolver, seus efeitos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi criada em 1948 sobre os escombros, e com base nos traumas, derivados das Segunda Guerra Mundial, talvez a maior crise humanitária da história. Associada ao projeto de reconstrução da ordem internacional liderado pela Organização das Nações Unidas, a OMS, e demais agências multilaterais então criadas, expressava a crença na capacidade das diferentes sociedades humanas trabalharem juntas em prol do bem comum. Mas embora tenha desempenhado um papel fundamental na promoção da redução ou mesmo da eliminação de doenças endêmicas globais, como a varíola e pólio, parece estar ficando dia mais claro que a falta de colaboração internacional, assim como doméstica, essencial para um melhor gerenciamento ou mesmo combate do Covid19, não tem sido fácil de se encontrar.

De fato, ainda que vivamos hoje na configuração humana global mais interconectada e interdependente da história, não temos sido capazes, enquanto humanidade enfrentando desafios comuns, de agir em um mesmo nível de coordenação coletiva. Pelo contrário, as respostas mais frequentes ‘a pandemia têm sido dadas por autoridades nacionais, via fechamento de fronteiras, muitas vezes com ações imbuídas ou pelo menos condutoras ao reforço de sentimentos xenofóbicos e mesmo racistas.

Muitos tem indagado se conseguiremos sair da crise atual melhores como seres humanos e sociedades, e se saberemos aprender as lições de uma pandemia em grande parte derivada da exaustão de nossos recursos naturais dado o excessivo grau de consumismo e individualismo atuais. A se considerar o comportamento de grandes partes das populações de alguns dos países mais importantes e populosos do mundo, como EUA e Brasil – que se dizem, o primeiro, referência democrática, e, o segundo, em tolerância social, mundiais – as perspectivas não são animadoras.

De maneira similar ‘as próprias dinâmicas do processo de globalização das últimas décadas, experiência que, por sua vez, acelerou e aprofundou tendências pré-existentes, a pandemia da Covid-19 revelou de maneira mais nítida e aguda traços humanos e sociais anteriores. Efetivamente, se alguns se prontificaram na linha de frente para atender aos pacientes que começaram a saturar nossas unidades de saúde, outros não só tem se recusado a usar máscaras em públicos, mas fazem questão de ressaltar que tal ato, por mais absurdo de seja, deriva de alguma liberdade individual de caráter inato inquestionável. Para além da irracionalidade demonstrada (liberdade de por minha vida em risco!), tal atitude revela também um alto grau de egoísmo e, especialmente no caso do Brasil (como demonstrado no vídeo dos não tão *inocentes do Leblon*), de privilégios estruturalmente enraizados.

Não surpreende que esses fatos ocorram quando a sociedade brasileira vive sua mais significativa experiência de retrocesso não só da institucionalidade democrática, mas também da cultura cívica democrática que vinha sendo

# a terra é redonda

construída desde a transição da ditadura empresarial militar dos anos 60 e 70. Temos um país imerso em um crescente militarismo nos órgãos governamentais, assim como em um processo de polarização definido por um alto grau de agressividade e mesmo pela demonização do adversário. Assim, a administração da pandemia se viu envolta em narrativas políticas anti-ciência, onde a mortes de milhares e milhares de co-cidadãos é vista, ou como inevitável (*quer que faça o que?*, diz o grande líder), ou como algo que não mais nos choca como teria que chocar caso não estivéssemos tão anestesiados ou mesmo embrutecidos por tudo que vem ocorrendo.

De maneira similar ao que tem ocorrido no Brasil, temos visto em escala global a tentativa coordenada por parte de muitos países, inclusive muitos dos quais adversários em outras questões, como os EUA e China, de uma destruição sistemática da agenda global de direitos humanos promovida pelas agências de coordenação multilateral. Parte dessa agenda, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, também de 1948, postula a noção de uma humanidade comum onde o acesso à saúde dever ser garantido a todos. Se nem mesmo uma pandemia global consegue nos ajudar a resgatar a noção de uma coletividade comum, como garantir que a noção de uma humanidade partilhada seja viável?

Em uma de suas frases mais conhecidas, o escritor norte-americano William Faulkner disse que “o passado nunca está morto, que ele nem passou”. Estaríamos fadados a repetir as atrocidades do passado que queríamos superado quando organismos internacionais como a ONU e OMS foram criados? Que os que acreditam na construção de algo novo e melhor do mundo pós-pandemia tenha forças para evitar que o peso atávico do passado continue a nos definir e atormentar.

\***Rafael R. Ioris** é professor da Universidade de Denver (EUA).